

VIII JORNADA ACADÊMICA DO HUPAA

Saúde digital: novas tecnologias na formação
e atuação do profissional de saúde.



O USO DE SMARTPHONES NO ÂMBITO HOSPITALAR: UM PERIGO INVISÍVEL

THE USE OF SMARTPHONES IN THE HOSPITAL SCOPE: AN INVISIBLE DANGER

Juliana Cristina Almeida Barata de Moraes

Oncologia D'or, Recife-PE, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-3162-0686>

Nataniele de Albuquerque

Hospital Universitário Professor Alberto Antunes, Maceió-AL, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-9240-4891>

Thaís Mirella da Silva

Hospital Universitário Professor Alberto Antunes, Maceió-AL, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-7170-5302>

Bruna Silva de Holanda

Oncologia D'or, Recife-PE, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-5368-5160>

Resumo: a inserção dos telefones móveis inteligentes (*smartphones*) trouxe modificações na rotina das pessoas e a importância dessas máquinas reside no impacto que elas têm sobre os seres humanos. Objetivo: Identificar os malefícios do uso excessivo de *smartphones* no ambiente de trabalho hospitalar. Método: Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, do tipo descritiva e exploratória. Resultados: No ambiente hospitalar o uso excessivo do *smartphone* pode interferir na produtividade do profissional, ocasionar lesões por esforço repetitivo, levar infecções e gerar erros graves por negligência.

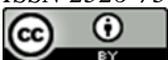
Palavras-chave: celular; smartphones; ambiente hospitalar; enfermagem; nomofobia.

Abstract: the insertion of smart mobile phones (*smartphones*) brought changes in people's routine and the importance of these machines lies in the impact they have on human beings. Objective: To identify the harmful effects of excessive use of *smartphones* in the hospital work environment. Method: This is a research with a qualitative approach, of the descriptive and exploratory type. Results: In the hospital environment, excessive smartphone use can interfere with professional productivity, cause repetitive strain injuries, lead to infections and generate serious errors due to negligence.

Keywords: cell; smartphones; hospital environment; nursing; nomophobia.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a vida do homem foi alterada em função das grandes revoluções



VIII JORNADA ACADÊMICA DO HUPAA

Saúde digital: novas tecnologias na formação
e atuação do profissional de saúde.



vividas pela humanidade, muitas delas impulsionada por novas tecnologias. Existe um grande abismo entre uma geração que há pouco tempo raciocinava de maneira linear e completamente mecanizada, dando espaço a uma geração digital caracterizada pela flexibilidade e agilidade de pensar. (ZAREMBA, 2014).

Em uma época de grandes avanços tecnológicos cresce uma geração em meio a um mundo digital, familiarizada com dispositivos móveis e comunicação em tempo real. A inserção dos telefones móveis inteligentes (smartphones) trouxe modificações na rotina das pessoas e a importância dessas máquinas reside no impacto que elas têm sobre os seres humanos (DUARTE e ALFREDO, 2018).

O uso dos smartphones tem se expandido nas mais diversas ações do cotidiano. Além de facilitar o dia-a-dia, poupando tempo e recursos em variadas tarefas, fornece permanente contato com as pessoas, mesmo que virtualmente. Tudo isso somado à facilidade de se atualizar a cada clique, bem como a possibilidade de usufruir das variadas formas de entretenimento virtual, faz dos smartphones “amigos” inseparáveis. Tão inseparáveis que frequentemente não nos damos conta de que ao mesmo tempo sua utilidade é tão benéfica quanto perigosa. (ZAREMBA, 2014).

Quando se fala em seu uso no âmbito hospitalar, Caveião *et al.* (2014), em sua pesquisa, mostraram que nossos “amigos” digitais podem ser grandes inimigos quando o assunto é contaminação. Eles são verdadeiras fontes microbiológicas ambulantes. Como se não bastassem as consequências sobre o próprio corpo, elas podem ter impacto nos resultados das nossas atividades.

Problemas osteomusculares decorrentes do mau posicionamento do corpo durante o uso dos aparelhos, várias horas ao dia, tem causado cada vez mais lesões nos profissionais, pois na tentativa de compensar a ausência física e o contato direto com família e amigos encaram a conexão virtual como uma solução. Desta maneira as horas de plantão se tornam menos entediantes e cansativas quando temos à mão a capacidade de abstrairmos um pouco essa rotina desgastante. (DUARTE e ALFREDO, 2018).

Andrews, 2003, trouxe o conceito de “estresse cibernético” associado ao uso de smartphones como uma síndrome provocada pela superestimulação aos quais as pessoas estão expostas diariamente, onde cada sujeito responde fisiologicamente de maneira singular. É como se o tempo



VIII JORNADA ACADÊMICA DO HUPAA

Saúde digital: novas tecnologias na formação
e atuação do profissional de saúde.



que desprendemos em nossas rotinas não fosse suficiente para dar conta de tantas atividades e os telefones móveis inteligentes chegaram para diminuir barreiras físicas e temporais com apenas alguns cliques.

Dar a possibilidade de cada indivíduo carregar o mundo sobre as próprias mãos abre um leque de oportunidades em todas as esferas de sua existência (política, econômica e social), somado a essa facilidade vem o imediatismo na solução dos problemas que por vezes podem frustrar e comprometer a qualidade de vida das pessoas, gerando transtornos de ansiedade, depressão, sentimentos de perda, inquietude, sentimento que falta algo. (SILVA *et al.*, 2018).

A dependência de internet é um sintoma de difícil mensuração e diagnóstico. No entanto, podemos comparar à dependência que advém de um fator químico. E essa é o ponto chave das pesquisas que envolvem a Internet. (SÁ, 2012)

Surge então a adicção (compulsão) por internet, que nada mais é um uso desproporcional e desadaptativo da ferramenta. De acordo com Pujiol *et al.*, 2009, a psiquiatria levou alguns anos para assumir a adicção à Internet como distúrbio, pois entendia-se que, cientificamente, era complicado relacionar uma dependência com fatores não químicos.

O mau uso dessa tecnologia trouxe à tona uma nomenclatura que nasceu junto ao uso abusivo da internet através dos smartphones, a nomofobia, que surgiu da expressão “*no mobile phone phobia*” e traduzido em sua literalidade significa “fobia de não telefone móvel”, ou seja, o indivíduo tem pavor ao se imaginar desconectado do mundo na ausência do seu celular e esse desconforto causa angústia tamanha ao ponto de apresentar sintomas físicos (SOLER I.; SÁNCHEZ; SOLER M, 2017).

A dependência da internet pode ser comparada ao uso de álcool e outras drogas. Segundo Young (1997) viciados em internet tendem a ter depressão, ansiedade e problemas emocionais, portanto, usam a internet para atender às necessidades não satisfeitas.

Bragazzi e del Puente (2014), afirmam que as pessoas que padecem da nomofobia sentem pavor ao se imaginarem saindo para o trabalho sem o telefone celular, ou quando perdem o aparelho



móvel, ou quando esgota a bateria. Chegam a um nível crítico de ansiedade por sentirem-se isolados do mundo devido à necessidade de estar conectado o tempo todo.

No local de trabalho esta associação é perigosa e no âmbito hospitalar não é diferente. O estudo acerca da temática justifica-se pelo fato de que profissionais da saúde encontram-se cada vez mais absortos em uma rotina extenuante onde se permitem o uso de smartphones, por vezes, de forma excessiva sem se darem conta que seus atos colocam em risco sua saúde física e mental, podendo também afetar e por em risco a saúde dos pacientes. Diante do exposto o estudo teve por objetivo identificar os malefícios do uso excessivo de *smartphones* no ambiente de trabalho.

2 DESENVOLVIMENTO

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, do tipo descritiva e exploratória, realizada nos meses de abril a junho de 2020. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas e observação não participante, contou com a participação de 20 (vinte) profissionais da área de Enfermagem (07 Enfermeiros e 13 Técnicos de Enfermagem), na faixa entre 25 a 40 anos, que trabalham em uma emergência e que tiveram interesse em discutir e refletir sobre o tema. Para se inserir no estudo, todos os profissionais deviam afirmar o uso de telefone móvel durante o expediente de trabalho e aceitar participar da pesquisa com instrumento de coleta próprio após preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Dos profissionais de nível superior, 01(um) era do sexo masculino e 06 (seis) do sexo feminino. Quando questionados sobre o uso de *smartphones* durante o expediente de trabalho, todos os profissionais afirmaram que em algum período do dia sacavam seus telefones para realizar chamadas particulares ou para entretenimento próprio, quer seja em aplicativos de redes sociais ou jogos virtuais. Todos justificaram o uso do telefone como a forma mais rápida de resolver problemas e aliviar tensões do dia-a-dia.

A maior parte dos entrevistados não estabelecem critérios para seu uso, pois não associavam o uso do instrumento como algo nocivo durante a jornada de trabalho. Ao questionar a média de tempo de utilização destes aparelhos, alguns chegam a passar entre 10 a 20 horas do dia conectados,

VIII JORNADA ACADÊMICA DO HUPAA

Saúde digital: novas tecnologias na formação
e atuação do profissional de saúde.



em contrapartida, outros profissionais entrevistados relataram ficar entre 1 a 5 horas por dia fazem parte do grupo que estabelece alguns critérios para seu uso.

Ao serem questionados sobre atender chamadas antes ou após procedimentos, alguns profissionais afirmaram atender ligações, pois consideraram que procedimentos simples não sofreriam impacto com uma ligação mais importante, mas em procedimentos com maior grau de complexidade ou assuntos que podem ser tratados posteriormente, as ligações são deixadas para depois.

Ao questionar se o profissional já se pegou alongando pescoço após o uso do *smartphone*, comentaram que se alongam com frequência, principalmente os que ficam mais tempo fixados em seus telefones e quando questionados sobre dores osteoarticulares, todos afirmaram sentir dores na coluna, principalmente cervical e torácica, ombros e mãos, uma profissional chegou a relatar que foi diagnosticada com tenossinovite por uso abusivo do celular.

Também foram questionados sobre se faziam uso de algum tipo de proteção nos aparelhos e se ao sair do trabalho faziam algum tipo de desinfecção, a maioria dos entrevistados negaram qualquer cuidado neste sentido e admitiram que chegava a ser uma falta de atenção com o aparelho e com a própria saúde.

Entre os profissionais de nível médio os resultados não foram tão diferentes. Entre os técnicos em Enfermagem, 02 (dois) eram do sexo masculino e 11 (onze) do sexo feminino. Todos fazem uso de *smartphones* durante o expediente de trabalho, porém nenhum relatou estabelecer critérios para seu uso. Quanto ao tempo despendido para o uso dos aparelhos, alguns relataram que ficam entre 6 a 10 horas ao dia e outros chegam a passar entre 10 a 20 horas conectados mesmo que de forma intermitente. Semelhante aos profissionais de nível superior todos recebem ligações antes ou após procedimentos e invariavelmente tiveram sentimentos parecidos ao achar que receber ligações antes de procedimentos simples não gera impactos ou afeta de alguma forma a vida dos pacientes.

Quando questionados sobre se alongarem após o uso prolongado do aparelho afirmaram sentir esta necessidade e quando questionados sobre sentir dores osteoarticulares, todos afirmaram que sentem algum tipo de dor, coluna e mãos mais uma vez apontados como os mais fragilizados. Nenhum dos profissionais entrevistados faz uso de proteções em seus celulares, nem desinfecção ao



VIII JORNADA ACADÊMICA DO HUPAA

Saúde digital: novas tecnologias na formação
e atuação do profissional de saúde.



terminar a jornada, um profissional afirmou que não achava necessário e outros dois disseram não fazer para não danificar seus aparelhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de critérios para o uso de celulares no ambiente de trabalho é frequente e diante desses fatos, buscar neste universo de circunstâncias aquilo que afeta diretamente a saúde do trabalhador é agravado pelo fato de que não se trata de um risco ocupacional, somos nós mesmo quem produzimos esses riscos, e conseqüentemente somos os responsáveis diretos pelos seus efeitos.

Pescoço, mãos e ombros apontados como as partes do corpo mais fragilizadas pelo uso abusivo de celulares mostra que existe uma relação danosa para o profissional.

No ambiente hospitalar o uso excessivo do *smartphone* pode interferir na produtividade do profissional, ocasionar lesões por esforço repetitivo, levar infecções e gerar erros graves por negligência.

Estabelecer critérios para o uso dos *smartphones* é um desafio, pois antes de tudo é necessário conscientizar o profissional sobre os malefícios do uso abusivo desses aparelhos.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, S. **Stress a seu favor**: como gerenciar sua vida em tempos de crise. São Paulo: Ágora, 2003.

BRAGAZZI, N.L. DEL PUENTE, G.A. A proposal for including nomofobia in the new DMS-V. *Psychology Research and Behavior Management*, v. 7, p. 155-160. 2014. <https://doi.org/10.2147/PRBM.S41386>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4036142/>. Acesso em: 4 abr. 2020.

CAVEIÃO, C. *et al.* Swab de vigilância em aparelhos de celulares em hospital de Curitiba-PR: Relato de experiência. **Cadernos da Escola de Saúde**, v. 2, n. 12, p. 12-18, 10 mar. 2017. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernossaude/article/view/2415>. Acesso em: 24 abr. 2020.



VIII JORNADA ACADÊMICA DO HUPAA

Saúde digital: novas tecnologias na formação
e atuação do profissional de saúde.



DUARTE, L. T.; ALFREDO, J. **Uso das redes sociais no ambiente profissional: um estudo exploratório sobre distração digital**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em ciência da Computação/Sistema da Informação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2018. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/11062>. Acesso em: 4 abr.2020.

PUJIOL, C. *et al.* Dependência de internet: perspectivas em terapia cognitivo-comportamental. **Revista brasileira de Psiquiatria**. v. 31, n. 2, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462009000200019>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/887Tn9LqghqRHGVZTQ7gkqQ/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 8 mar. 2020.

SÁ, G. M. À frente do computador: a internet enquanto produtora de dependência e isolamento. **Revista da Faculdade de letras da Universidade do Porto**, v. 24, p. 133-47, 2012. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/1410>.

SILVA, F. M. S. M. Adaptação da escala de uso compulsivo deInternet para avaliar dependência de smartphone. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 36, n. 1, 2018. DOI: <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4649> Disponível: <https://revistas.urosario.edu.co/xml/799/79954963011/html/index.html> . Acesso: 3 mar. 2020.

SOLER, I. R.; SÁNCHEZ, C. L.; SOLER, M. C. Q. Adaptación y validación de la escala de nomofobia de Yildirim y Correia en estudiantes españoles de la educación secundaria obligatoria. *Health and Addictions/Salud y Drogas*, v. 17, n. 2, p. 201-213 2017. DOI: <http://hdl.handle.net/10045/68588>
Disponível: <https://rua.ua.es/dspace/handle/10045/68588>. Acesso: 4 abr. 2020.

YOUNG, K. What makes the internet addictive: potential explanations for pathological internet use. *In: CONFERENCE OF AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 105th.*, Chicago USA: APS, 1997.

ZAREMBA,R.S. **O mundo na palma da sua mão: reflexos do estilo de vida “superconectado”**. 2014. 152f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamentode Psicologia, 2014.

